

## Lacan: pós/humano?<sup>1</sup>

### Lacan: post/human?

PEDRO LEAL FONSECA

**RESUMO:** Este trabalho busca explorar a relação entre a psicanálise e os meios ou mídias técnicos, a partir do que Lacan postula no Seminário 2 e em suas conferências sobre a Carta Roubada e sobre a Cibernética. Para isso, são utilizados os teóricos da mídia alemães Vilém Flusser e Friedrich Kittler. O trabalho sugere que o “dispositivo analítico” pode ser pensado a partir do modelo da “caixa preta” proposto por Flusser, sujeito à mathesis e à lógica de funcionamento do computador. Sugere também que, para pensar a psicanálise por vir, seria importante dialogar com a escola alemã da teoria das mídias, também chamada de teoria materialista da mídia e teoria hardware da mídia, da qual Friedrich Kittler é um grande expoente.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise - mídia - cibernética - dispositivo analítico - caixa preta

**ABSTRACT:** This article seeks to explore the relationship between psychoanalysis and the so-called technical means, based on what Lacan postulates in Seminar 2 and in his conferences on the Purloined Letter and on Cybernetics. For this purpose, German media theorists Vilém Flusser and Friderich Kittler are used. The work suggests that the “analytical device” can be thought of from the “black-box” model proposed by Flusser, subject to a mathesis and logic of computer operation. It also suggests that to think about the psychoanalysis to come, it would be important to dialogue with the German school of media theory, also called materialist theory of the media and hardware theory of media, of which Friedrich Kittler is a great exponent.

**KEYWORDS:** psychoanalysis - media - cybernetics - analytical device - black box

Este trabalho é uma continuação daquele apresentado nas jornadas internacionais de APOLa de 2021,<sup>2</sup> resulta de uma frutífera investigação em grupo<sup>3</sup> e se situa em um território que me parece

---

<sup>1</sup> Empreguei no título deste trabalho a grafia “pós/humano” (tradução de “post/human”), postulada por Elaine Graham em *Representations of the Post/Human* (Manchester: Manchester University Press, 2002), para abarcar, como ela propõe, “um questionamento tanto da inevitabilidade de uma espécie sucessora quanto de existir qualquer consenso em torno dos efeitos das tecnologias no futuro da humanidade”. Conforme Richard Shakeshaft em sua tese doutoral “*Finding the 'human' in the 'posthuman'*” (University of Cambridge, 2018), “pós/humano” oferece um “rótulo mais aberto e menos ameaçador para considerar o impacto da tecnologia no ser humano, na humanidade e na sociedade no futuro”. Ao longo do trabalho, emprego a grafia “pós-humano”, mais frequente em trabalhos acadêmicos, reconhecendo a instabilidade da terminologia (posthuman, post-human, post/human) e do conteúdo semântico associado a estes termos. O “pós-humanismo” radical de Friedrich Kittler, ponto central deste trabalho, expressa-se, por exemplo, por meio da expressão “so-called human” (assim-chamado-homem) e da máxima segundo a qual “os meios determinam nossa situação”, que abre o livro *Gramofone, Filme, Copywriter*.

<sup>2</sup> Fonseca, P. (14.12.2021). *El Psicoanálisis High-Tech: Lacan y la Cibernética*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7QjZnPOgD08&t=2525s>.

<sup>3</sup> Agradeço aos colegas Irene Kleiner, Juan Lichtenstein, Karina Glauber e Rosana Velloso. Sem nossas reuniões e discussões esta pesquisa não teria sido possível e a pandemia teria sido mais difícil de suportar. Recomendo a leitura de seus artigos, publicados na revista *El Rey Está Desnudo*, que apresentam perspectivas complementares sobre o mesmo tema.

negligenciado no ambiente psicanalítico, inclusive no âmbito de nossa sociedade: a relação entre a psicanálise e as chamadas mídias ou meios técnicos.

Na conferência *Psicanálise e Cibernética, ou da natureza da linguagem*, Lacan diz que não falará das máquinas, maquininhas, maquinonas da cibernética, das maravilhas que elas fazem e nem lhes chamará pelos nomes. É sobre a natureza da linguagem, no nível mais fundamental, que ele tratará. Tal natureza é probabilística e combinatória; para Lacan, remonta ao triângulo aritmético de Pascal e à distribuição de probabilidades em um jogo constituído por múltiplas partidas.<sup>4</sup>

Lacan diz que a linguagem com que se trabalha em análise é a mesma com que operam os computadores. O simbólico é o mundo da máquina, ele disse. Talvez pudesse ter dito: o inconsciente está estruturado como uma linguagem que corresponde àquela com que operam os circuitos digitais. Símbolos ou signos que passam ou não passam por portas ditas lógicas, porque implementam as operações AND, OR, NOR e XOR da álgebra de Boole. É disso, e também dos cálculos probabilísticos aplicáveis a um tal sistema, que trata a conferência de Lacan.

Ele situa a psicanálise como ciência conjectural, ciência de combinação de lugares, que permite que “tudo o que era uma espécie de caminho mais ou menos confuso, arriscado, no mundo dos símbolos se ordene ao redor de algo preciso: a correlação da ausência [0] e da presença [1]”. É o estudo sobre leis de presença e ausência que leva à “instauração da ordem binária, grande originalidade da cibernética”,<sup>5</sup> essa *nuova scienza* com a qual Lacan tinha impressionante familiaridade.

Nesta mesma conferência, ele nos diz que o “elemento basal em torno do qual pode se ordenar tudo aquilo a que chamamos linguagem” é a “diferenciação de nível” ou “desniveleção” de probabilidades conforme avança a série de partidas de um determinado jogo (por exemplo, o jogo de par-ou-ímpar ou de cara-e-coroa).

Lacan enxerga nas leis combinatórias-probabilísticas da teoria das probabilidades e dos jogos uma espécie de sintaxe fundamental. Há para ele uma sintaxe “dada desde o início”, e “é por isso que se pode fazer máquinas de operação lógica”.<sup>6</sup>

Pensar informaticamente, segundo o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, implica equiparar o teor de informação de uma situação com o seu teor de improbabilidade, de modo que as categorias de verdadeiro e falso não mais se aplicam; os termos “verdadeiro” e “falso” passam a designar limites inalcançáveis. A *mathesis* da informática, e da sociedade telemática na qual, segundo ele,

---

<sup>4</sup> Lacan, J. (1955). *Conferência Psicanálise e Cibernética, ou da natureza da linguagem*, aula de 22/06/1955, em *Seminário 2: O eu*, disponível em <http://staferla.free.fr/>

<sup>5</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>6</sup> *Idem, ibidem.*

vivemos, é o cálculo de probabilidades: números entre 0 e 1, onde 0 indica impossibilidade e 1, certeza.<sup>7</sup>

Como isso se articula à análise?

Segundo Friedrich Kittler, nome central da escola alemã da teoria das mídias, “a matemática dos sinais de Shannon e a matemática do ruído, de Norbert Wiener, reemergem na psicanálise [de Lacan], que analisa ou elimina discursos, assim como Freud analisava apenas almas ou as transferia para ‘aparelhos psíquicos’”. Para Kittler, “a ordem simbólica de Lacan - muito distante de interpretações filosóficas - é uma lei probabilística que se apoia no ruído, ou seja, é uma cadeia de Markov”.<sup>8</sup>

Por isso mesmo, diz ele, nós psicanalistas precisamos “interceptar as probabilidades de transição nos automatismos de repetição, da mesma forma que os criptógrafos interceptam uma mensagem secreta num aparente ruído”. Assim, segundo o teórico das mídias alemão, “somente a psicanálise consegue exaurir, isto é, calcular as chances estratégicas de um sujeito em termos de uma teoria dos jogos”.<sup>9</sup> Esses dois postulados - a ordem simbólica como lei probabilística que se apoia no ruído, ou seja, uma cadeia de Markov - e a operatória analítica como interceptação de probabilidades de transição nos automatismos de repetição - me parecem centrais.

Dito isso, passo ao segundo ponto deste trabalho.

Como Lacan, também não pretendo falar sobre as maravilhas que as maquininhas e máquinas cibernéticas do nosso tempo são capazes de realizar. No meu caso, não será por falta de interesse. Penso que a revolução epistemológica, cultural, política e estética em curso desde as décadas de trinta e quarenta do século passado, com o surgimento das modernas teoria dos jogos e da informação, e com o advento dos computadores digitais, é tão importante, talvez mais, do que a revolução industrial e, certamente, tem impacto na nossa atividade como analistas, assim como tem em todos os outros aspectos da vida, e na concepção do que é, hoje, o *assim-chamado-ser-humano*, conforme expressão de Friedrich Kittler.

Para Vilém Flusser, tal revolução nos lança em um universo de imagens técnicas.<sup>10</sup> Ele aponta estrutura social nova, a “sociedade informática”, que ordena as pessoas em torno das imagens, exigindo novo enfoque sociológico: a sociologia futura, diz, explicará o homem em função dos objetos culturais - filmes, programas de TV e de computadores - que os programam. Sociedade programada para vivenciar, conhecer, valorizar e agir apertando teclas, em um movimento circular -

<sup>7</sup> Flusser, V. (2015). *Comunicologia: reflexões sobre o futuro*. São Paulo: Martins Fontes, 63-64.

<sup>8</sup> Kittler, F. (1993/2017). El mundo de lo simbólico - un mundo de las máquinas. *Caderno de Estudios Visuales y Mediales*, n. 1: 122-157.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>10</sup> Flusser, V. (1979). *Comunicologia: mutações nas relações humanas?* Traducido del original en inglés por Rodrigo Maltez Novaes. Inédito.

feedback no termo informático - graças ao qual imagens codificadas, produzidas por aparelhos, alimentam os homens para serem por eles retroalimentadas. A função destes *feedback loops*, que Lacan discute no *Seminário 2*, é levar em consideração o output de um sistema, de modo a provocar o ajustamento de sua performance à resposta desejada. Input e output - o que entra e o que sai de uma máquina que processa informação - é tema central da cibernética e das disciplinas teóricas que lhe sucedem.

Para Flusser, cujo pensamento vem sendo resgatado e largamente discutido sobretudo na Alemanha, mas também em outros países europeus e no Brasil, três códigos surgem, um após o outro: o primeiro é o das imagens ditas “tradicionais”, por exemplo, pinturas; em seguida, aparecem os textos lineares, que fazem surgir a consciência histórica; e, finalmente, as imagens ditas técnicas.

<sup>11</sup> Estas últimas são fundamentalmente diferentes das imagens tradicionais, produzidas pelo homem, pois são produzidas por aparelhos, caixas-pretas, cuja programação matemática subjacente desconhecemos. <sup>12</sup>

Flusser define aparelho como brinquedo complexo, tão complexo que não poderá jamais ser inteiramente esclarecido. Seu jogo consiste na permutação de símbolos já contidos em seu programa. O jogo do aparelho implica agentes humanos, que Flusser chama de “funcionários”.<sup>13</sup>

Sistema tão complexo não é jamais totalmente penetrado, ainda que o aparelho, curiosamente, funcione em função da intenção do operador. Isso porque, segundo Flusser, o operador-funcionário domina o *input* e o *output* da caixa: sabe com que alimentá-las e como fazer para que ela cuspa, por exemplo, fotografias. Domina o aparelho sem, no entanto, saber o que se passa em seu interior.

Pelo domínio do *input* e do *output*, o operador domina o aparelho, mas, por conta da ignorância dos processos no interior da caixa, é por ele dominado. Nas palavras de Flusser,

o aparelho-operador é demasiadamente complicado para que possa ser penetrado; é caixa preta e o que se vê é apenas input e output. Quem vê input e output vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da caixa preta.<sup>14</sup>

Pergunto-me se o “dispositivo analítico”, que também poderíamos chamar “aparelho analítico” - não o psíquico de Freud - pode ser pensado a partir desse mesmo modelo...

---

<sup>11</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>12</sup> Flusser, V. (2011). *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, p. 44.

<sup>13</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>14</sup> *Idem, ibidem.*

Constato que o que se passa nessa nossa jornada *híbrida*<sup>15</sup> está sendo, nesse exato momento, convertido de fenômeno analógico em dados digitais, escritos em zeros e uns, para que seja então transmitido e armazenado, sob tal escritura digital e binária, em memórias que já não se situam em cérebros humanos.

Do mesmo modo, são também sequências de zeros e uns que atravessam a nossa tridimensionalidade, dessa vez sob a forma de ondas de rádio chamadas *Wi-Fi*. Cadeias de códigos que chegarão até nós por meio desses pequenos terminais que trazemos em nossos bolsos e mãos, que nos fascinam, e que determinam mais aspectos da vida de cada um de nós do que gostaríamos de admitir - do trabalho à vida afetiva -, conectando-nos a uma espécie de formigueiro cibernético, para empregar novamente a terminologia proposta por Vilém Flusser.

O sistema de escritura digital tem esta propriedade muito interessante e impressionante de armazenar, transmitir e processar qualquer tipo de dado: progressivamente, tudo à nossa volta vem sendo digitalmente escrito em zeros e uns, desde as fotografias que incessantemente se tiram, filmes e músicas que a indústria cultural difunde, até documentos governamentais e científicos, cifras impensáveis de dinheiro e, como não, sessões de análise. A emergência das novas tecnologias digitais e redes de fibra óptica provoca, para alguns, a morte dos meios, já que todas as mídias podem agora ser reformuladas em um único meio, o digital.

No caso da clínica psicanalítica, quando praticada online, produz situação curiosa: a máquina e o analista realizam atividade similar, em níveis distintos. Ambos convertem dados analógicos - o som de vozes humanas - em elementos discretos. Para que se possam transmitir, armazenar e processar significantes no contexto de sessões de análise *online*, é preciso, antes, que transistores localizados em chips de silício transmitam, armazenem e processem os mesmos dados em forma de *bits*.

Essa tríade fundamental - transmissão, armazenamento e processamento - está na base das análises realizadas pelas disciplinas científicas conhecidas como arqueologia e teoria dos meios (ou das mídias). Talvez possa ser útil para pensar no dispositivo analítico, uma vez que a análise é, como postulou Lacan, ato original de comunicação.

Como apresentei na jornada do ano passado,<sup>16</sup> Friedrich Kittler faz corresponder cada uma dessas três funções midiáticas aos três registros de Lacan, que ele, Kittler, trata como “distinção metodológica”.<sup>17</sup> A máquina de escrever seria, assim, o simbólico: conjunto finito e predefinido de sinais abertos a variações daquele conjunto.

<sup>15</sup> Este trabalho foi apresentado originalmente nas jornadas internacionais de APOLa de dezembro de 2022, que ocorreram em formato híbrido (presencial e online).

<sup>16</sup> Jornadas internacionais de APOLa 2021, disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=7QjZnPOgD08&t=2525s>.

<sup>17</sup> Kittler, F. (1993-2017), *op. cit.*

Ao cinema, que oferece uma imagem espelhada do corpo, corresponde o imaginário. Já o real seria revelado por meio de tecnologias de gravação sonora, essas primeiras mídias mecânicas como o gramofone e o fonógrafo, que são, diz Kittler, “o suporte de tosses, suspiros, sussurros, gaguejos, e, em geral, o que chamamos ruído: o indesejável da comunicação, que sempre se infiltra no canal material de comunicação, que produz seu próprio “lixo””.<sup>18</sup> Esta noção de real, alertaram-me alguns colegas, é diferente daquela do Programa de Investigação Científica de APOLa,<sup>19</sup> o que, creio, não nos impede de investigá-la.

Retomo o significante *bits* - binary digits, dígitos binários - para citar novamente Kittler, dessa vez no ensaio *A Inteligência artificial da guerra mundial - Alan Turing*.<sup>20</sup>

No início era, como sabemos, o verbo. O verbo estava com Deus. Durante sete dias e sete noites, ele tentou introduzir diferenciações binárias, ou seja, bits: dia e noite, céu e Terra, Sol e Lua, sem falar do bem e do mal. Esses dias antes do dia, essas sequências repetidas de codificação digital criaram literalmente nada - nada que já não tivesse existido desde sempre sob o título infame de tohu vabohu. Aquilo que os administradores da Escritura Sagrada chamam de criação a partir do nada foi, antes, uma criação de nada: pares antitéticos, palavras de código, significantes. Mas foi exatamente por isso que surgiu a diferença fundamental entre diferenças e ruído branco; é exatamente por isso que uma relação sinal-ruído separa a ordem ordenada do velho caos.

Kittler segue, em sua perspectiva midiática, materialista e radicalmente pós-humana, caminho indicado por Lacan, que, na altura do *Seminário 2*, diz a respeito do *fort-da*:<sup>21</sup>

Esse jogo pelo qual a criança faz desaparecer de sua vista, para trazê-lo de volta, para apagá-lo novamente, um objeto, cuja natureza é indiferente, enquanto modula essa alternância de sílabas distintivas, esse, dizemos nós, jogo, manifesta em seus traços radicais a determinação que o animal humano recebe da ordem simbólica. O homem dedica seu tempo a implementar a alternativa estrutural onde presença e ausência tomam uma da outra o seu chamado. É no momento de sua conjunção essencial, ou seja, no ponto zero do desejo, que o objeto humano cai sob o golpe da apreensão,

<sup>18</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>19</sup> Disponível para consulta em <https://apola.online/programa>, o PIC norteia as pesquisas desenvolvidas pelos sócios de Apertura para Otro Lacan.

<sup>20</sup> Kittler, F. (2017). A inteligência artificial da guerra mundial en: *A verdade do mundo técnico: ensaios sobre a genealogia da atualidade*. São Paulo: Contraponto (301-328).

<sup>21</sup> Lacan, J. (1955). Seminario sobre la Carta Robada, clase del 26/04/1955, en *Seminario 2: El yo*, disponible en <http://staferla.free.fr/> (164).

que, anulando sua propriedade natural, a partir daí o escraviza às condições do símbolo.

Segundo Kittler, Lacan aborda a psicanálise como uma mídia, ou como sistema de informação. Para o teórico alemão, produzir casos psicanalíticos, ou seja, colocar por escrito o que dizem os pacientes, requer que se registre o que quer que os dois censores - no divã e na poltrona, ou em cada endereço IP conectado ao Zoom - querem deixar como não dito: lapsos, trocadilhos, deslizos, piadas significantes. Para Kittler, “é consistente definir estudos de caso psicanalíticos, apesar do seu formato escrito, como tecnologias midiáticas”.<sup>22</sup> Parece-me que seria interessante pensar nessa afirmação em relação ao que chamamos, em APOLa, de texto clínico.

Em seu trabalho sobre Psicanálise e Pós-Modernidade, Alfredo Eidelsztein afirma que a psicanálise não cura de mal-estares específicos, mas, sim, atende casos particulares plenamente estruturados nas condições sociais, culturais e “epocais”<sup>23</sup> nas quais existe. O que sugiro hoje é que deveríamos pensar também em condições midiáticas, pois, conforme postula Kittler, “os meios técnicos determinam a nossa situação”.<sup>24</sup>

Para pensar a “psicanálise por vir”, parece-me importante dialogar com a escola alemã da teoria das mídias, também chamada de teoria da mídia materialista e teoria de mídia hardware, da qual Friedrich Kittler é um grande expoente. Essa vibrante disciplina considera os sistemas de escritura, armazenamento e comunicação como redes materiais. Dando ênfase ao científico e ao tecnológico, e à análise das estruturas materiais subjacentes aos processos comunicacionais, distancia-se dos estudos culturais que, para o provocativo Kittler, ao se interessar pelas ações e estruturas humanas de significado, “só conhecem a matemática superior dos boatos”.<sup>25</sup> Para a teoria materialista de Kittler, por outro lado, são a matemática e a engenharia da comunicação que constroem mundos, fazendo-o por meio da tecnologia moderna.

Apoiando-se em Claude Shannon e também em Lacan, Kittler prioriza o processamento de sinais em detrimento da semântica. Seu pós-humanismo, por vezes dito ontológico, em outras radical, se origina na engenharia, na matemática e na primazia do design de sistemas, afastando-se de qualquer perspectiva hermenêutica que busque a interpretação e o significado.

O *assim-chamado-homem* é, em última instância, determinado por parâmetros tecnológicos, e a agência subjetiva é concebida como reflexividade operacional na forma computacional de *feedback*.

<sup>22</sup> Kittler, F. (1993-2017), *op. cit.*

<sup>23</sup> Eidelsztein, A. (2021). Psicoanálisis y Posmodernidad desde la perspectiva del Programa de Investigación Científica de APOLa en *El Rey Está Desnudo*, año 4, n. 18.

<sup>24</sup> Kittler, F. (2019). *Gramofone, filme, copywriter*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: EdUERJ.

<sup>25</sup> Kittler, F. (1993-2017). *Op. cit.*

Como diz um dos principais comentadores da obra de Kittler, Geoffrey Winthrop-Young: “onde havia sujeitos, ali deverão existir programas - pois os programas já estavam lá antes de tudo”.<sup>26</sup>

O termo pós-humano é, segundo Jussi Parikka,<sup>27</sup> mais uma invenção da linguagem acadêmica americana. Numa boa síntese, Cary Wolfe diz que

pós-humanismo nomeia um momento histórico em que o descentramento do humano por sua imbricação em redes técnicas, médicas, informáticas e econômicas tornou-se crescentemente impossível de ser ignorado, um desenvolvimento histórico que aponta para a necessidade de novos paradigmas teóricos.<sup>28</sup>

Em artigo publicado em 2009, Kittler<sup>29</sup> mostra como a metafísica ocidental, desde a Grécia antiga, negligencia a escrita e a matemática em suas considerações. Segundo o pensador alemão, a era das máquinas matemáticas exige que forma e matéria, noções metafísicas fundamentais desde Aristóteles, sejam repensadas especialmente a partir da chamada arquitetura de Von Neumann, que está na base dos computadores atuais. A materialidade das máquinas não é sobre forma e matéria, mas sobre uma estrutura básica que leva em consideração comandos, endereços e dados. Kittler assimila comandos a mensagens e endereços às “assim chamadas pessoas”. Para ele, a sociologia atual deveria centrar-se em programas e não em “seres humanos”. A seus alunos de estudos culturais e midiáticos, ele deu o seguinte conselho: “deveriam saber ao menos alguma aritmética, a integral, a função seno - tudo sobre signos e funções, ao menos duas funções de software”.<sup>30</sup>

Seria tal conselho útil também para psicanalistas em busca de interpretar o sujeito do inconsciente em um mundo pós-humano?

<sup>26</sup> Winthrop-Young, G. (2011) *Kittler and the media*. Cambridge: Polity Press.

<sup>27</sup> Parikka, J. (2012) *O que é arqueologia das mídias?* Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

<sup>28</sup> Wolfe, C. (2010) *What Is Posthumanism?* Minneapolis: University of Minnesota Press.

<sup>29</sup> Kittler, F. (2009) Towards an ontology of media em *Theory, Culture & Society 2009*. SAGE, Los Angeles, London, New Delhi, and Singapore, vol. 26(2-3): 23-31.

<sup>30</sup> Griffin, M.; Hermann, S. (1996) Technologies of Writing: Interview with Friederich A. Kittler em *New Literary History*, vol. 27, no. 4 (731-742). The Johns Hopkins University Press.



## BIBLIOGRAFIA

1. Eidelsztein, A. (2021). Psicoanálisis y Posmodernidad desde la perspectiva del Programa de Investigación Científica de APOLa em *El Rey Está Desnudo*, año 4, n. 18.
2. Flusser, V. (1979). *Comunicologia: mutações nas relações humanas?* Traduzido do original em inglês por Rodrigo Maltez Novaes. Inédito.
3. Flusser, V. (2011) *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume.
4. Flusser, V. (2015) *Comunicologia: reflexões sobre o futuro*. São Paulo: Martins Fontes.
5. Fonseca, P. (14.12.2021). *El Psicoanálisis High-Tech: Lacan y la Cibernética*. Disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=7QjZnPOgD08&t=2525s>.
6. Griffin, M.; Hermann, S. (1996) Technologies of Writing: Interview with Friederich A. Kittler em *New Literary History*, vol. 27, no. 4 (731-742). The Johns Hopkins University Press.
7. Kittler, F. (1993/2017) El mundo de lo simbólico - un mundo de las máquinas. *Caderno de Estudios Visuales y Mediales*, n. 1 (122-157).
8. Kittler, F. (2009) Towards an ontology of media em *Theory, Culture & Society* 2009. SAGE, Los Angeles, London, New Delhi, and Singapore, vol. 26(2-3): 23-31.
9. Kittler, F. (2017) A inteligência artificial da guerra mundial em *A verdade do mundo técnico: ensaios sobre a genealogia da atualidade*. São Paulo: Contraponto (301-328). Traducción personal.
10. Kittler, F. (2019) *Gramofone, filme, copywriter*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: EdUERJ.
11. Lacan, J. (1955) Conferência Psicanálise e Cibernética ou da natureza da linguagem, aula de 22/06/1955, em *Seminário 2: o eu*, disponível em <http://staferla.free.fr/>
12. Lacan, J. (1955) Seminário sobre la Carta Robada, aula de 26/04/1955, em *Seminário 2: o eu*, disponível em <http://staferla.free.fr/>
13. Parikka, J. (2012) *O que é arqueologia das mídias?* Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
14. Winthrop-Young, G. (2011) *Kittler and the media*. Cambridge: Polity Press.
15. Wolfe, C. (2010) *What Is Posthumanism?* Minneapolis: University of Minnesota Press.

**PEDRO LEAL FONSECA**

Psicanalista em São Paulo, sócio de APOLa.

E-mail: [pedrolealfonseca@gmail.com](mailto:pedrolealfonseca@gmail.com)